



E AGORA PROFESSORA? Narrativas de alfabetizadoras do Sul e do Norte do país em tempos de pandemia.

*Cristiane Medianeira da Silva Reis*¹

*Vanessa Marcuzzo*²

Eixo temático: 10 Alfabetização e pandemia: desafios, aprendizados e perspectiva

Resumo:

O mundo passou por profundas mudanças após a pandemia pelo Covid-19 e deixou marcas severas na área da educação. Esse artigo foi elaborado na pandemia em 2020 e conta sobre as vivências, perspectivas e dificuldades de duas alfabetizadoras de escolas da rede pública do Norte e Sul do país. Como problemática trazemos: Como constituir-se professora alfabetizadora em meio a uma Pandemia? Frente a proposição, o objetivo geral é rememorar os significados da prática educativa, tendo em vista o processo docente. Os objetivos específicos se delineiam em: Fundamentar a investigação, partindo do método das narrativas docentes; compreender os significados e as possibilidades do professor alfabetizador em turmas de 1º e 2º ano dos Anos Iniciais do ensino fundamental de forma remota. A escolha metodológica está organizada em duas partes, a primeira compete a parte teórica sobre alfabetização, letramento e a segunda parte as narrativas das professoras alfabetizadoras. Estas experiências narrativas foram relatadas no ano de 2020, ano que iniciou a pandemia pelo Covid-19 e ficaram guardadas para um possível estudo, assim foram revividas e rememoradas durante a escrita deste artigo em 2023 fazendo que houvesse significativas aprendizagens ao reviver tal período.

Palavras-chave: Pandemia Covid-19; Alfabetização; Práticas Educativas; Narrativas docentes.

Introdução

A pandemia pelo Covid-19 ou coronavírus é a síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2) e teve início na China, na cidade Wuhan em dezembro de

¹Doutora em Educação pela UFSM. Professora alfabetizadora e Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria- RS. Contato: Cristiane.reis@prof.santamaria.rs.gov.br

²Especialista em Tecnologias da Informação aplicadas à Educação pela UFSM. No período da pandemia e escrita do artigo, Professora da rede municipal de Manaus- AM; atualmente Professora da rede municipal de Agudo/RS. Contato: vanessa.marcuzzo@hotmail.com

2019 que assolou o mundo e conseqüentemente deixou marcas profundas na educação. Este artigo foi elaborado ao longo do ano de 2020 por duas professoras de escolas públicas municipais de ensino fundamental dos anos iniciais de duas regiões do Brasil, Norte e Sul e surgiu a partir das experiências educacionais vivenciadas na pandemia. Nossas indagações se dão: Como constituir-se professora alfabetizadora em meio a uma Pandemia? Como lecionar em turmas de alfabetização com ensino remoto? Frente a proposição, o objetivo geral é rememorar os significados da prática educativa, tendo em vista o processo docente. Os objetivos específicos se delineiam em: Fundamentar a investigação, partindo do método das narrativas docentes; compreender os significados e as possibilidades do professor alfabetizador em turmas de 1º e 2º ano dos Anos Iniciais do ensino fundamental de forma remota; bem como registrar as narrativas das professoras e perspectivas sobre o ensino remoto nas turmas de alfabetização.

Neste íterim, é fundamental explicitar que a escolha metodológica está organizada em duas partes, a primeira compete a parte teórica sobre alfabetização, letramento e a segunda parte são as narrativas das professoras alfabetizadoras. Estas experiências narrativas foram relatadas no ano de 2020, ano que iniciou a pandemia pelo Covid-19 e as aulas presenciais passaram a ser de forma remota.

As experiências entre as professoras e alunos ocorreu através de aplicativos de mensagens, pelo celular. Geralmente um aparelho celular para toda a família, o que acabava sobrecarregando a memória interna do mesmo, o acesso à internet era por pacote de dados móveis e outros poucos alunos possuíam *wifi*. Além das rotinas diárias de cada família que muitas não tiveram o trabalho em *home office*, pois a maioria possuía emprego essencial de forma braçal e continuaram saindo de casa todos os dias, trabalhando durante o dia e retornando a noite. Neste caso, o período da noite era o único turno disponível para acompanhamento e realização das atividades remotas. Já outras famílias não trabalhavam e optaram por não acompanhar as atividades, mesmo com acesso à internet. Nestes casos específicos fazíamos buscas ativas semanalmente, às vezes, com ajuda da coordenação pedagógica para sinalizar a importância da realização e retorno das atividades enviadas pelas professoras.

Por isso, nesse momento inicial, foi preciso muita orientação, motivação e paciência para ter efetivamente a participação das crianças visto que, no processo de alfabetização, elas ainda precisam da orientação de um adulto.

2 Alfabetização e letramento

Sabemos que a educação é uma questão bastante complexa e assim, precisa ser olhada com muito cuidado e prioridade, pois ela é uma das molas propulsoras da sociedade. Pensar em educação como um todo exige um exercício constante de reflexão. Aqui, buscaremos analisar aspectos mais direcionadas ao processo de alfabetização em contexto de letramento. Magda Soares (2020, p. 27) define alfabetização como o “processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas (procedimentos e habilidades) necessárias para a prática da leitura e da escrita”.

Em seu processo de alfabetização a criança precisa se apropriar de um sistema que transforma o que ele fala/ouve em algo gráfico através de um sistema de escrita alfabético. Na literatura também encontramos um outro conceito que precisa estar constantemente interligado com a alfabetização que é o letramento: “[...] o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” (SOARES, 2006, p. 72). É dar um sentido, analisar, compreender a realidade que nos cerca com base no que lemos/escrevemos. De acordo com Kramer (2010, p. 98),

[...] entendendo que alfabetizar-se é conhecer o mundo, comunicando-se e expressando-se. Isso significa que uma criança começa a ler quando descobre que o mundo é feito de coisas que pode pegar, cheirar, apertar, morder etc., e que pode ser imitado, dramatizado, expresso na música, na dança no desenho, na fotografia, na colagem, na montagem, na palavra falada, na palavra escrita.

Esse fato, que podemos denominar de conhecimento prévio, precisa ser considerado no processo de alfabetização em contexto de letramento. Porque antes mesmo de chegar à escola a criança já conhece algumas regras básicas da linguagem, que a constituem como sujeito participante da sociedade e isso irá auxiliá-la na aprendizagem da leitura e escrita. Esse é um outro argumento para o efetivo

“alfabetizar letrando”, que vai além da mera repetição sem significado: não basta saber que “Eva viu a uva”, mas “compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho” (FREIRE, 2006, p. 56).

Tomando como base a extrema importância do processo de alfabetização nos anos iniciais de escolarização e os índices desfavoráveis, podemos nos questionar: Afinal, como alfabetizar uma criança? Historicamente temos vários métodos de alfabetização. Como considera Soares (2016, p.330) método como: “um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, orientem a aprendizagem inicial da leitura e da escrita.” Nesse momento, não iremos aprofundar os métodos e sim no

alfabetizar com método: orientar a criança por meio de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, estimulem e orientem as operações cognitivas e linguísticas que progressivamente a conduzam a uma aprendizagem bem sucedida da leitura e da escrita em uma ortografia alfabética (SOARES, 2016, p. 331).

Nesse “alfabetizar com método” é preciso entender como a criança aprende, os processos que estão envolvidos nessa aprendizagem e, a partir daí, propor práticas alfabetizadoras que compreendam esse processo, estimulando, orientando e intervindo na aprendizagem através das demandas individuais e coletivas a fim de formar a criança alfabetizada e letrada: “aquela que não só sabe ler e escrever, mas também domina habilidades básicas de leitura e escrita necessárias para a participação em eventos de letramento” (SOARES, 2016, p. 346).

Percebe-se aí a extrema importância do papel do professor alfabetizador: ele será o condutor dessa etapa inicial de descobertas do processo de leitura e escrita e, mais do que isso, precisa dar significado a essa aprendizagem. Não é uma tarefa fácil, visto que, depende além das políticas públicas, do apoio da gestão escolar para que o ser docente mantenha-se motivado e tenha a liberdade de definir os melhores caminhos a serem trilhados na sua ação pedagógica com o objetivo de ajustá-la à realidade em que atua e proporcionar a efetiva aprendizagem das crianças, tornando-se capaz “de mobilizar os alunos com mais dificuldades, fazendo-os progredir juntamente com os outros colegas e reduzindo, assim, as diferenças entre eles” (BONAMINO, 2012, p. 129).

Ressaltamos aqui a importância do processo formativo contínuo do professor bem como a construção de sua identidade e seu protagonismo no momento de atuar como alfabetizador: “Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 2004, p. 39).

Essa possibilidade formativa esclarecendo que ao narrar as vivências tanto pessoais quanto profissionais do seu passado e/ou do presente o professor se transforma em objeto de conhecimento tanto para si quanto para os outros, projetando o futuro como enfatiza Nascimento (2017). Tal prática, além de dar sentido no trabalho que cada um realiza também é uma forma de dar voz ao professor, contribuindo para outras práticas alfabetizadoras e ressaltando a importância do protagonismo em sua prática. Nóvoa (2000) afirma que a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de experiência pessoal partilhada entre os pares faz do espaço escolar lócus privilegiado do processo de formação e auto formação.

3 As narrativas formativas de professoras alfabetizadoras em meio ao caos

Aqui elencamos as narrativas das experiências formativas das professoras alfabetizadoras, as principais indagações, medos, angústias no decorrer do ano letivo de 2020. No excerto abaixo, REIS (2020), aborda as dificuldades enfrentadas ao longo do ano, bem como as demandas e suas responsabilidades, enquanto professora, estudante de pós graduação em nível de doutorado e coordenadora pedagógica da educação infantil e séries iniciais cargo que havia assumido no início daquele ano.

Tinha assumido a coordenação pedagógica dos Anos Iniciais e da Educação Infantil da escola, a turma de primeiro ano para alfabetizar e concomitante terminando a Tese de Doutorado em Educação. Morava no interior do município e não havia sinal de internet disponível, somente dados móveis do meu celular, que a cada arquivo pesado, logo acabava. Minha maior preocupação logo de início foi em: Como chegar até aquele aluno que tem mais dificuldade? Como alfabetizar a distância? Neste início fiquei muito ansiosa e receosa imaginando que não ia atingir nem a metade da turma. (REIS, 2020).

Esses sentimentos de ansiedade e medo foram sentidos de forma geral pela maioria dos professores, porque era algo novo, um vírus contagioso que se proliferava

rapidamente com contato físico, objetos e superfícies contaminados, que segundo o Ministério da Saúde (2020), “podia ser transmitido durante um aperto de mão (seguido do toque nos olhos, nariz ou boca), por meio da tosse, espirro e gotículas respiratórias contendo o vírus.” Com a alta disseminação do vírus, as escolas foram fechadas em todo o território brasileiro e pela primeira vez na história o *lockdown*³ e o isolamento social foram sendo adotados. E nesse momento os professores tiveram de se reinventar como conta a professora (Marcuzzo, 2020)

Busquei inúmeras formas de aprimorar minhas práticas enquanto professora alfabetizadora. Percebi que estudos teóricos me davam ainda base para sustentar minha prática, bem como aperfeiçoá-la. Além disso, vivenciei uma grande troca e auxílio entre professores de todo país através do uso das redes sociais e de rodas de conversa virtuais. (Marcuzzo, 2020).

Formações, seminários, congressos e cursos foram oferecidos aos professores, porém a demanda burocrática era tão grande de atividades para preenchimento que sobrecarregava a todos. A cada dia, haviam novas atribuições e por vezes, terminávamos o dia exaustos e com a sensação de não ter feito nada. O lúdico passou a ser online, as aulas passaram a ser remotas e realizadas em casa com auxílio das famílias, internet, tablete, celular e computador.

O que mais senti falta foi a interação das crianças comigo, o afeto, os beijos, abraços a demonstrações de carinho, com presentes inesperados como uma flor colhida no meio do caminho, um “eu te amo profe” bem no meio da aula, da explicação...algo que me prejudicou muito, pois a escrita de uma Tese ao meio caótico é muito pesada e com contato físico das crianças dos abraços, ajudava a aliviar a pressão, porém estava aquele momento sem qualquer contato físico com a minha turma. (REIS, 2020).

O contato físico passou para o contato virtual, tudo através das telas, isso quando a família possuía e tinha dados móveis ou internet *wi-fi* para poder participar das atividades desenvolvidas e enviadas pela professora.

Muitas barreiras precisaram ser superadas dia a dia nas aulas remotas. Buscamos reinventar-se, estudar, trocar ideias e motivar as crianças diante da difícil realidade que enfrentamos. Freire (1996, p.28) diz: “Como professor crítico, sou um

³ *Lockdown*: isolamento ou restrição de acesso imposto como uma medida de segurança, podendo se referir a qualquer bloqueio, especialmente um lugar.

‘aventureiro responsável’”, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se”.

Rever a prática diariamente era cotidiano de muitos professores comprometidos com a educação de qualidade, mesmo no contexto tão difícil. No excerto abaixo Reis (2020) expressa sua maior dificuldade.

A parte mais difícil era o planejamento, pois a maioria dos pais trabalhavam o dia todo, fora de casa e só tinham a noite para ajudar os filhos. Muitas vezes, estavam exaustos, doentes com sérios problemas na família e financeiros. Então, sempre que sentia necessidade conversava particularmente com cada família que precisa de mais atenção e sempre me colocava a disposição para ajudar. Entregávamos kits de alimentos na escola e kits de material escolar para amenizar a situação de algumas famílias. Muitas vezes, o planejamento foi refeito durante a semana e reajustado, pensando sempre no bem estar de cada família e aluno. (REIS, 2020).

Buscar estratégias criativas, motivadoras, interdisciplinares, compartilhar, buscar apoio nos pares foram fundamentais para nós professoras do Sul e do Norte. Pensar em formas de atender as demandas individuais e elaborar material e orientações extras eram algumas das múltiplas funções assumidas pelas professoras naquele momento. Marcuzzo (2020) relata a sensação de não conseguir desligar-se mesmo depois das oito horas exaustivas de trabalho remoto.

A sensação de nunca se desligar, da cabeça estar sempre atenta e alerta a fim de atender as demandas das famílias dispostas a aprender/ensinar/participar das aulas levam à um cansaço mental que, se não nos permitirmos pausas, não conseguiríamos continuar. Mais uma reinvenção, não só acerca das práticas educativas, mas também pessoais, de saúde mental foram necessárias. Fácil não foi, não é, nem será, porém, vamos nos adaptando à essa realidade que seria de 40 dias e já ultrapassou 1 ano. As incertezas e medos ainda nos assombram em como será esse retorno e quando será. Sigo com esperança que minha prática e meus esforços assim como de todos os colegas educadores farão a diferença na história desse momento sim, pois isso precisa ser reconhecido e valorizado. (Marcuzzo, 2020).

Muitos professores não tinham internet, computador ou aparelho celular compatível para armazenar tantos dados recebidos, e ainda sem quaisquer auxílios, pacotes de dados de internet e muito menos aumento do seu salário para ajudar a custear esta nova demanda imposta na educação. Como nos fala Freire (1996).

Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que

deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso e me admirar. (FREIRE,1996).

Os professores tiraram do seu próprio salário para ajudar os alunos mais carentes, Por vezes, o professor era tachado nas mídias sociais por estar somente em casa e não queria voltar para escola, para sala de aula, o que não foi verdade. A verdade é que muitos docentes fizeram o máximo dentro das suas possibilidades como alfabetizar crianças de 1º e 2º anos em meio a uma pandemia pelo Corona Vírus, com o mínimo de recursos possíveis.

5 Considerações Finais

Escrever e narrar as trajetórias da educação e alfabetização em dois estados diferentes é algo que aproximou ainda mais nós alfabetizadoras, pois os sentimentos vivenciados foram iguais. Buscar nos pares ajuda, inspirações e ideias foi fundamental para irmos dando seguimento para nossa prática pedagógica. Podemos aprender muito com o outro quando colocamos nossa experiência em relação à dele e vice-versa e as narrativas proporcionam isso, visto que ao narrar-se o sujeito reflete e compreende a sua construção enquanto professor alfabetizador, a partir de suas experiências e, quando isso ocorre com seus pares, possibilita o mesmo exercício a partir da reflexão das práticas, uma em relação à outra tornando-se uma possibilidade de formação conjunta baseada na reflexão/ação/rememoração sobre suas vidas e práticas pedagógicas.

Este artigo também é uma fonte histórica, pois servirá como estudo e memória registrada para outros pesquisadores, pois aqui relatamos nossas narrativas daquilo que vivemos e sentimos no período da pandemia pelo Corona vírus, em específico a alfabetização de crianças de 1º e 2º anos do ensino fundamental dos anos iniciais e que, certamente, foi sentido por muitos outros educadores que vivenciaram este período por todo o Brasil.

Referências

BONAMINO, A. M. C. Características da gestão escolar promotoras de sucesso. In: POLON, T. L. P. et al. **Gestão do currículo e gestão e liderança**. Juiz de Fora: Editora do CAED, 2012. (Gestão e Avaliação da Educação Pública, 3). p. 117-32

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____, P. **Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____, P. **A educação na cidade**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KRAMER, S. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus (COVID-19)**. Disponível em > <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-e-transmitido>,< acesso em: 20 de Abr. de 2020.

NASCIMENTO, J. C. **Pesquisa (auto)biográfica e formação de professores alfabetizadores**. Curitiba: Appris, 2017. Edição Kindle.

NÓVOA, Antonio. **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

_____, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

_____, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.